

Não é uma casa comum. É uma daquelas casas de paredes grossas, feitas de tijolos maciços, janelas mais altas do que largas. As paredes pintadas de bege, o poço de tijolos vermelhos e telhado, a grama aparada e as flores nos canteiros. Amores-perfeitos colorindo a margem da grande janela do anexo. Da varanda orlada de floreiras, a vista é para a rua Felipe Schmidt: os carros correndo na única direção possível, o Centro da cidade.

A espectadora acompanha a velocidade sem alarde, instalada na cadeira de ferro que ficou mais confortável com duas almofadas. Eugênia Münch,

olhos azuis atrás dos óculos, cabelos branquinhos penteados para trás, tem 98 anos. Hoje, os passos são lentos, mas não as mãos e o pensamento. Da cadeira na varanda, dona Eugênia convida para entrar. Na sala, cercada de retratos, dona Eugênia aciona as lembranças. A fala tranquila acompanha das mãos que deixam o repouso do colo para chamar a atenção do interlocutor.

Dona Eugênia é a filha mais velha de uma família de sete irmãos. Dos filhos de José Münch e Regina Imhof Münch, só três ainda vivem. A casa bege, que de tão ajeitada parece uma casa de bonecas

em tamanho natural, está ali há quase 80 anos. Foi construída pelo pai de dona Eugênia que trabalhava levando encomendas de Brusque a Itajaí, em um tempo que as distâncias eram vencidas com carroça e cavalos.

Antes da casa da rua Felipe Schmidt, os Münch viveram em outros dois lugares. Quem ajuda a recordar é a sobrinha, Rosarita Münch. \_Antes, tinha a casa perto da vendinha dos Imhof. Depois, viemos morar para cá. Mas não era nessa casa, era uma casa de madeira, enquanto o pai construía esta casa aqui - conta Eugênia.

FOTO SARITA GIANESINI



FOTO SARITA GIANESINI

“Era um tempo bom, porque era criança. Mas se fosse para escolher, escolheria hoje. Porquê, nem eu sei”

Comentários e Sugestões

Ajude a fazer a Série Anônimos. Se tiver alguma sugestão de uma boa história de alguém que você conhece, envie para [redacao@municipiodiaadia.com.br](mailto:redacao@municipiodiaadia.com.br) ou [editor@municipiodiaadia.com.br](mailto:editor@municipiodiaadia.com.br)

Nome: Eugênia Münch  
Idade: 98 anos  
Profissão: Costureira aposentada

# Costurando histórias

Sarita Ganesini

Eugênia Münch ainda era uma menina quando a casa em que mora hoje foi construída pelo pai. Naquela época, José Münch fazia seus fretes e, em casa, a mãe, Regina, cuidava dos filhos e de tudo que ficava ao redor de casa, a rocinha e os bichos. A memória de dona Eugênia, guardou com cuidado a imagem da mãe, que ao final de cada tarde, fazia do avental uma trouxa e ia recolhendo os ovos no galinheiro.

A profissão que tornou dona Eugênia famosa em Brusque, aconteceu por imposição da mãe. Depois de mandar fazer as roupas para a família em uma costureira que fez tudo errado, dona Regina decidiu que a filha aprenderia a costurar. Foi com dona Mimi Wendhausen, que Eugênia descobriu como lidar com tecidos, linha, tesoura e agulhas. De avental e tranças, ela ia para as aulas com a professora que ensinou muitas moças da cidade a coser.

\_Tinha o cabelo muito lindo, loiros e que quase alcançavam as costas. Meu pai, não deixava cortar. Até que um dia, minha mãe disse: ‘vamos cortar!’. Fiquei três dias usando lenço na cabeça para meu pai não ver.

Even a mão cúmplice e a risada gostosa de quem conta uma travessura. A habilidade com o corte de tecido chamou a atenção de gente muito distinta na sociedade brusquense. Por cerca de 15 anos, ela costurou para a distinta Alma Renaux. Era costureira fina, das suas mãos saíram tantos vestidos de gala, debutantes e noivas que ela não consegue contar.

Vendo o trabalho de dona Eugênia à moda brasileira (com as mãos) não sobram dúvidas a respeito. O capricho nos forros, as costuras invisíveis, os pontos iguais, apertados, as pregas dos bolsos e os caseados medidos aos milímetros.

\_Olha esse tailleur, fiz para a Rosarita há uns dez anos, ainda está novo!

Os pontos de dona Eugênia não eram apenas para gente abastada. A sobrinha Rosarita, lembra que nos tempos em que costurava, na mesa da sala de jantar sempre havia uma montanha de roupas por fazer. Dona Eugênia não sabia dizer não: ia aceitando encomendas, para as horas vagas do trabalho na casa da família Renaux.

## Travessuras

Dos tempos de criança, ela não esquece um episódio passado na escola.

O colégio ainda se chamava Santo Antônio e as freiras ensinavam as moças. Até, que em uma aula de bordado, dona Eugênia se rebelou. Não conseguiu se conter diante da diferença que as religiosas faziam entre quem tinha dinheiro e quem não tinha.

\_A freira não me deu atenção, peguei minhas coisas e fui embora. Nunca mais voltei na aula de bordado.

Também teve o dia, em que ela, ainda menina, resolveu embarcar depois da aula na carroça com o vizinho que fazia entregas pela cidade. A cada parada, o entregador bebia um traguinho. E ela lá, na carroça, esperando. Chegou em casa quando já era noite fechada, com a promessa de surra dos pais. A única boneca que ganhou, feita de papelão, ela deixou na chuva. E foi-se o brinquedo!

\_Era um tempo bom, porque era criança. Mas se fosse para escolher, escolheria hoje. Porquê, nem eu sei.

## Dedicação

Eugênia até teve uns namoradinhos, mas não casou. Ocupou-se com a família, com os mimos aos irmãos e sobrinhos. As habilidades não eram apenas com a

costura. Dona Eugênia cozinhava muito bem. Até pouco tempo, fazia pães e cucas assadas em forno de lenha, para distribuir a todos os sobrinhos. Faz algum tempo que parou.

Quem cuida da nonagenária é a sobrinha, Rosarita. Dizem as duas, que Deus faz as coisas certas. Quando a mãe de Rosarita teve seu terceiro filho, a menina foi para a casa dos avós, para ser cuidada durante o período de resguardo. O xodózinho da casa, Rosarita acabou ficando na casa dos avós. Assim como a tia, ela não chegou a se casar e assumiu a função de zelar por dona Eugênia.

Ano passado, em setembro, uma queda fez com que fraturasse o fêmur. Foram meses de recuperação, mas não de abatimento. No Natal, já foi para a ceia na casa de um sobrinho. Eugênia segue devagar, mas parar, é coisa que não lhe ocorre. Indicador apontando para a testa, afirma:

\_Quero viver muito ainda! Minha cabeça é muito boa.

O riso suave, as pequenas mãos abraçam. É muito mais do que uma cabeça boa, é um coração generoso.